

NATÁLIA CORREIA
ERROS MEUS
MÁ FORTUNA
AMOR ARDENTE

ilustrações de: ângelo, calvet, cruzeiro seixas
lima de freitas, relógio, resende, paulo-guilherme
f. ribeiro de mello
ed. afrodite

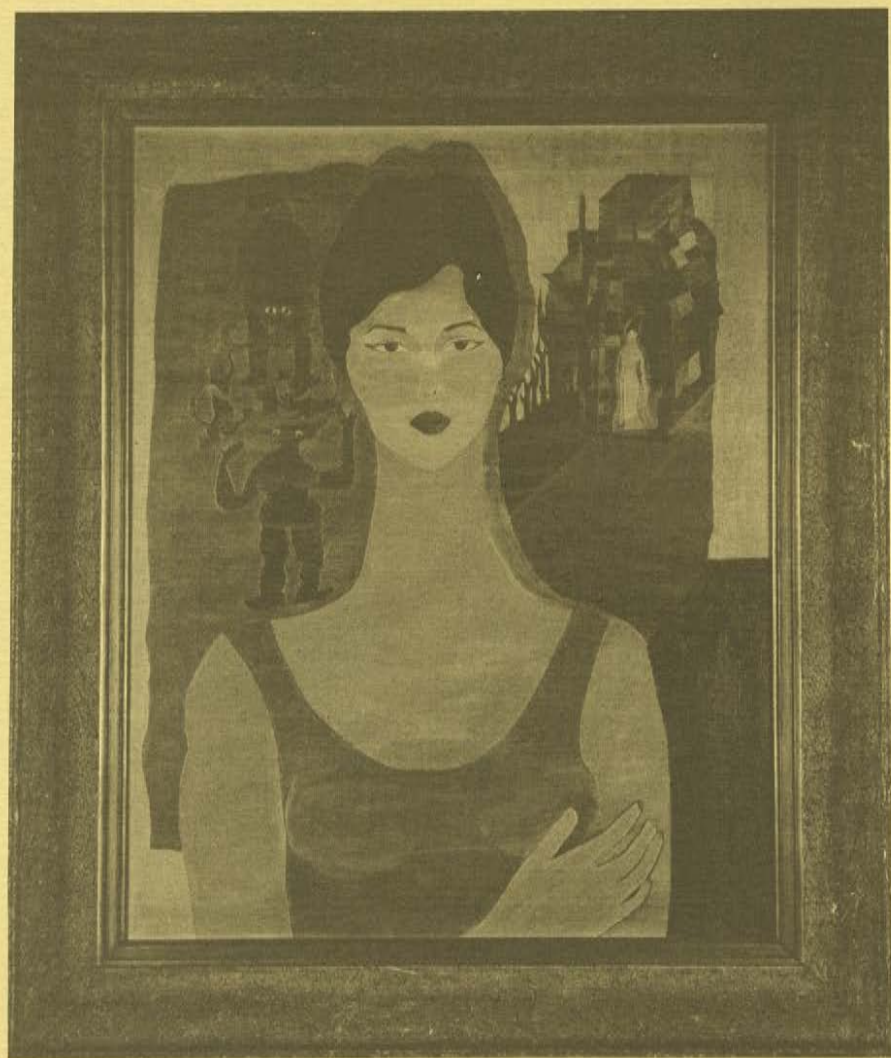




DESTA EDIÇÃO SERÁ FEITA UMA TIRAGEM ESPECIAL
DE 1.500 EXEMPLARES ENCADERNADOS,
GRAVADOS EM BAIXO RELEVO A OURO, PRATA E PRETO,
COM SOBRECARGA DE ACETATO E RESGUARDO
DE PAPEL CRISTAL NAS ILUSTRAÇÕES,
TODOS NUMERADOS PELO EDITOR DE 0001 A 1.500
E ASSINADOS PELA AUTORA.

Erros meus, má fortuna, amor ardente

peça em 3 actos



NATALIA CORREIA • Auto-retrato — Pintura • 1961



TÍTULO
ERROS MEUS, MÁ FORTUNA, AMOR ARDENTE

AUTOR
NATÁLIA CORREIA

ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS

ÂNGELO DE SOUSA — *QUADROS 13, 14 e 15*
CARLOS CALVET — *QUADROS 10, 11 e 12*
CRUZEIRO SEIXAS — *QUADROS 5, 8 e 9*
FRANCISCO RELÓGIO — *QUADROS 1, 3 e 4*
JÚLIO RESENDE — *QUADROS 16, 17 e 18*
LIMA DE FREITAS — *QUADROS 2, 6 e 7*

CAPA E APONTAMENTOS CÊNICOS
PAULO-GUILHERME D'EÇA LEAL

APONTAMENTOS SOBRE A ENCENAÇÃO
JACINTO RAMOS

TEMA MUSICAL
CÉSAR BATALHA

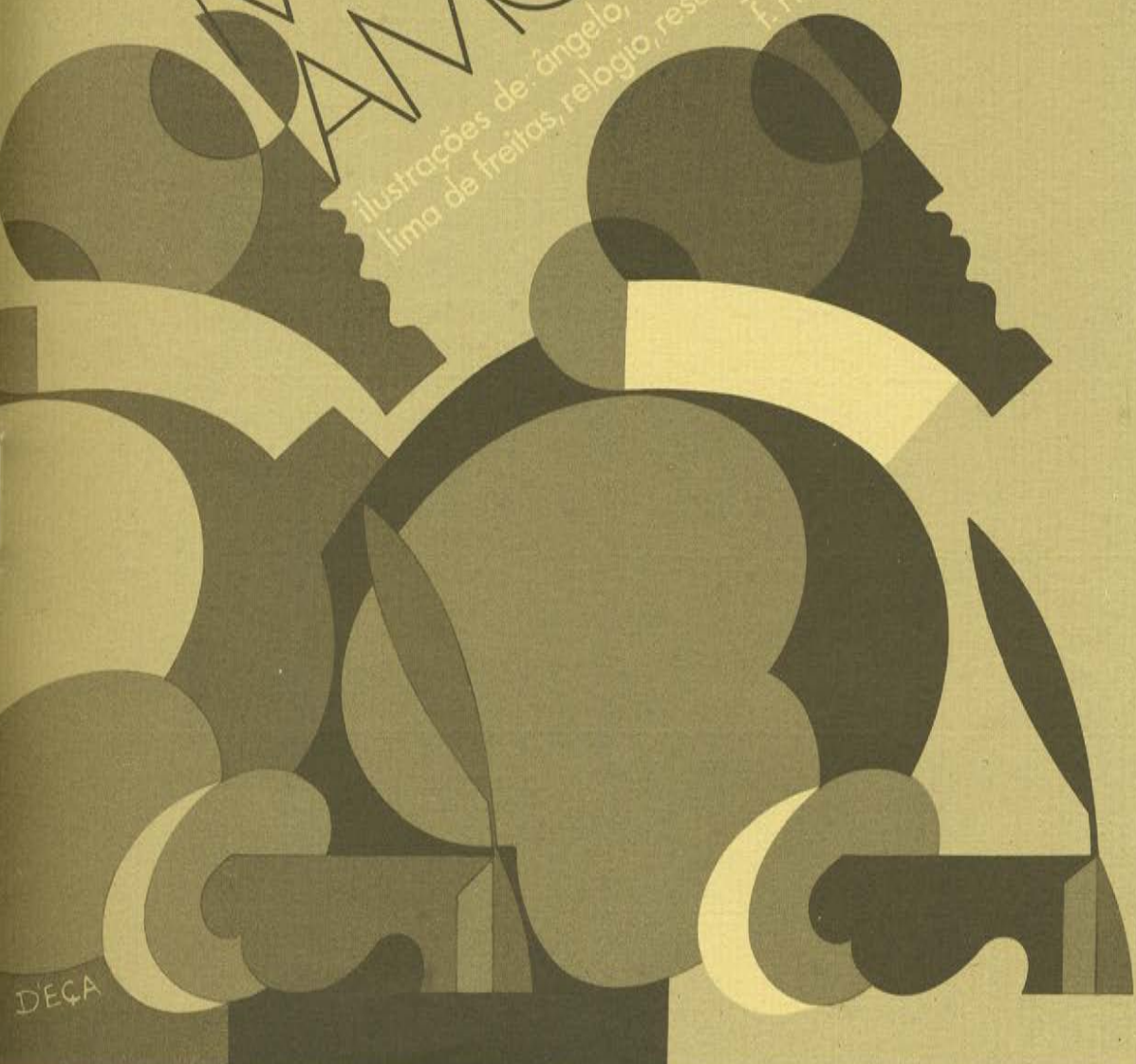
ARRANJO GRÁFICO
JOSÉ MARQUES DE ABREU

EDITOR
FERNANDO RIBEIRO DE MELLO/EDIÇÕES AFRODITE



NATÁLIA CORREIA
ERROS MEUS
MÁ-FORTUNA
AMOR ARDENTE

ilustrações de: ângelo, calvet, cruzeiro seixas
lima de freitos, relógio, resende, paulo-guilherme
f. ribeiro de mello
ed. afrodite



ESTA PEÇA
FOI ENCOMENDADA
A AUTORA
PELO TEATRO NACIONAL
D. MARIA II,
PARA CELEBRAR EM 1980
O 4.º CENTENÁRIO
DA MORTE DE LUIS DE CAMÕES.
A «MÁ FORTUNA» QUE,
EM VIDA,
PERSEGUIU O POETA,
ATRAVESSOU-SE NESTE PROJECTO
IMPEDINDO A SUA CONCRETIZAÇÃO,
POR CRITÉRIOS QUE DESLUSTRAM
QUEM OS ASSUMIU.



PERSONAGENS
por ordem de intervenção



D. MANUEL DE PORTUGAL
ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE
D. FRANCISCO DE NORONHA
LUIS DE CAMOES
CATARINA DE ATAIDE
INFANTA D. MARIA
PERO DE ANDRADE CAMINHA
LUIZA SIGEA
PAULA VICENTE
JOÃO DE MELO
ANA BRAZ
D. FRANCISCA DE ARAGÃO
UM MASCARADO DE PAGEM
UM MASCARADO DA DANÇA DAS ESPADAS
GONÇALO BORGES
JOÃO LOPES LEITÃO
HEITOR DA SILVEIRA
BÁRBARA
VIZO-REI D. FRANCISCO BARRETO
FLORIMENA
VENADORO
SOLINA
PASTOR
D. LUISARDO
O VELHO DO RESTELO
O MOSTRENGO
VASCO DA GAMA
UM PILOTO
UM MARINHEIRO
UM NAVEGANTE
1.º FRADE
2.º FRADE
FREI BARTOLOMEU FERREIRA
D. SEBASTIAO
D. ALVARO DA SILVA
D. JOÃO DE MASCARENHAS
BISPO D. ANTÓNIO MENDES DE CARVALHO
D. FRANCISCO DE MELO
1.º MOÇO FIDALGO
2.º MOÇO FIDALGO
CRISTÓVAO DE TAVORA
3.º MOÇO FIDALGO
PADRE MANUEL CORREIA
UM MENSAGEIRO



FIGURAÇÃO ESPECIAL

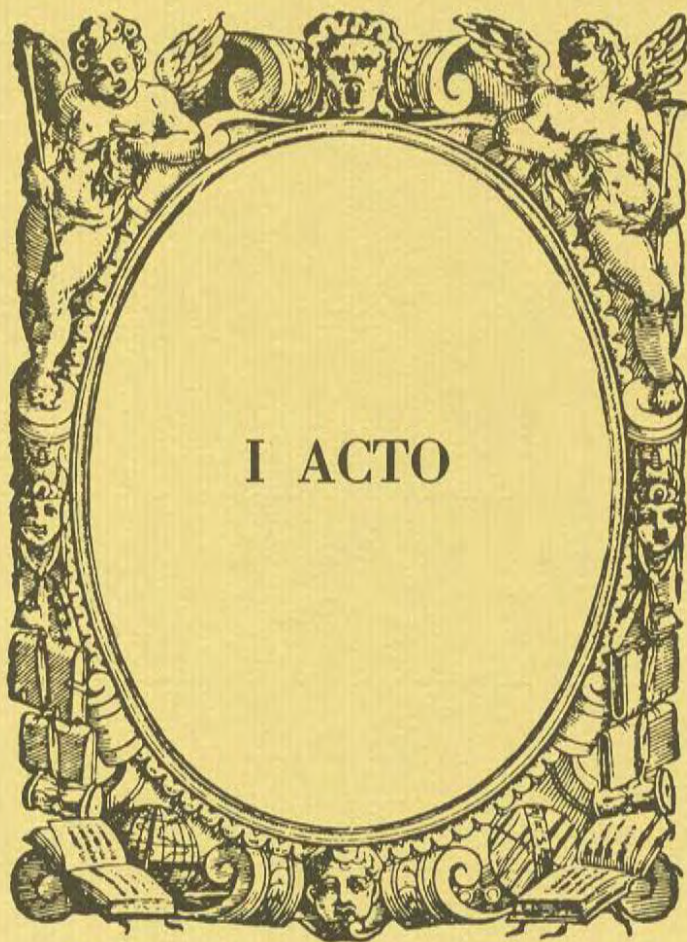
por ordem de intervenção falada

1.º Homem de Gonçalo Borges	2.º Homem
1.ª Dama	3.º Homem
2.ª Dama	Outro Popular
3.ª Dama	1.º Feirante
Um Cortesão	2.º Feirante
1.º Moinante	3.º Feirante
Uma Beata	4.º Feirante
Um Popular	1.º Fidalgo
Um Quadrilheiro	2.º Fidalgo
2.º Homem de Gonçalo Borges	3.º Fidalgo
A Comitiva do Vizo-Rei	1.º Popular
Primeiros Navegantes	2.º Popular
Segundos Navegantes	3.º Popular
Terceiros Navegantes	4.º Popular
Coro das Mulheres na Praia	Um Bufarinheiro de Livros
Marinheiros	4.º Fidalgo
1.ª Mulher	1.ª Mulher do Povo
2.ª Mulher	2.ª Mulher do Povo
3.ª Mulher	3.ª Mulher do Povo
4.ª Mulher	1.º Homem do Povo
1.º Homem	2.º Homem do Povo

FIGURANTES

Fidalgos e fidalgas, fiéis, damas da Infanta D. Maria e cortesãos, moinantes, folias, pélas, bailarinas da dança moura, homens de artes e ofícios, uma judenga, império dos alfalates, uma mourisca, Patriarca, o Rei, o Príncipe, peões, cavaleiros e pajens de S. Jorge, tambores, chameleiros, trombeteiros, cónegos e os seus servos, nababos indostânicos, mulheres indianas, funcionários do Reino da Índia e suas mulheres, soldadesca, fidalgos em missão na Índia, escravos guinéus, três chinezinhas, Ninfas, Tétis, fidalgos e fidalgas que circulam na Feira do Rossio, soldados, marujos e colarejas, nobres, clérigos, frades e freiras.





I ACTO



1.º QUADRO

D. Manuel de Portugal e André Falcão de Resende, ambos poetas e na casa dos vinte, conversam à porta de uma igreja. A informalidade juvenil do primeiro contrasta com a compostura paçã do segundo, que é, nas maneiras, «o lume do paço, das musas mimoso» que Sá de Miranda lhe chamou. É sexta-feira santa. Passam fidalgos e fidalgas que entram pela porta majestosa do templo. Por entre a multidão, rompe D. Francisco de Noronha, 2.º Conde de Linhares. É um homem de meia idade. O seu porte imponente é abrandado por um toque de grande humanidade.

Natália Correia

D. FRANCISCO DE NORONHA, *denotando inquietação na voz*

Viram por aí Luís Vaz?

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Há dias que não aparece no Mal-Cozinhado. E quando lhe dá a mosca é porque há dama na costa.

D. MANUEL DE PORTUGAL, *malicioso*

Havereis de encontrá-lo onde possa pôr os olhos em Catarina de Ataíde.

André Falcão de Resende e D. Manuel de Portugal riem-se, com contrariedade de D. Francisco de Noronha que, nesse momento, é cumprimentado por um casal de nobres a quem se dirige.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

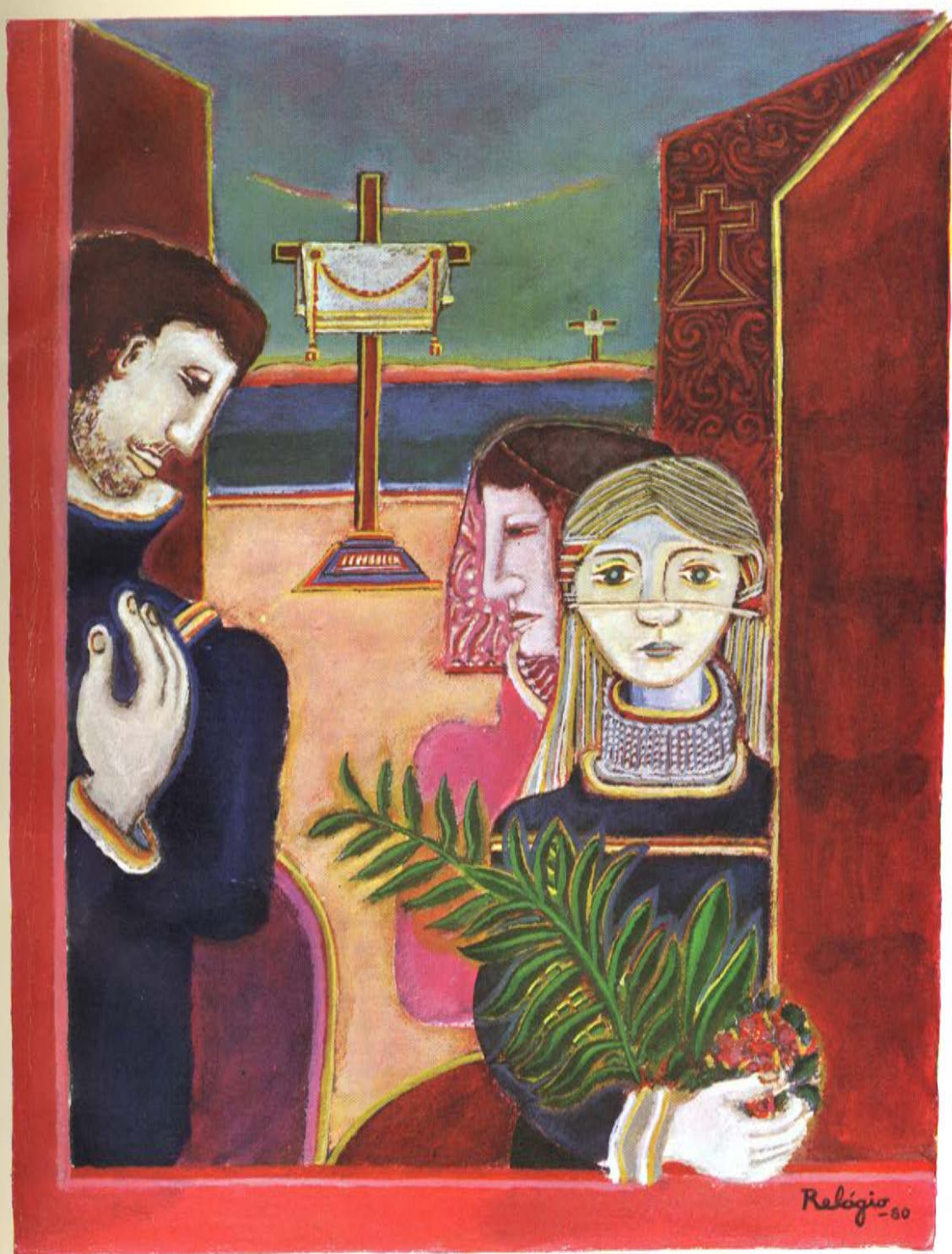
Só modula trilos de capado desde que anda de amores com a menina dos olhos verdes.

D. MANUEL DE PORTUGAL

Afectos antigos. Ainda são parentes.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

De nada lhe vale o parentesco. O papá da menina colocou-a como dama da rainha e destina-a a títulos e dinheiros. As trovas de um parente pobre, e ainda por cima estoura-vergas, malham ali em ferro frio.



Erros meus, má fortuna, amor ardente

D. MANUEL DE PORTUGAL

Tanto basta para abrasar o coração do nosso poeta
que só se inflama com amores contrariados.

O casal que conversava com D. Francisco de Noronha, despede-se dele e entra na igreja.

D. FRANCISCO DE NORONHA, *que voltou a
juntar-se aos dois jovens*

Tenho que o encontrar. Luís Vaz corre perigo.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Olha a grande novidade. Se houver um dia em que
Luís de Camões não corra perigo, é porque perdemos o
juízo e ele o ganhou. Que anda ele ao contrário deste
mundo errado. E em andarmos nós acertados pelo erro,
doidice é termos juízo, quão ajuizada é a sua loucura.

D. MANUEL DE PORTUGAL

Boa tirada filosófica! Anoto-a.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Se julgas que com esta facécia da minha profundidade
podes convencer as damas da corte a entreterem-se
menos com o rosário, perdes o teu tempo. Bem pranteia
Sá de Miranda os comprazimentos do paço em que Mestre
Gil batia o coturno. (*Declama*).

Os momos, os serões de Portugal
Tão falados no mundo, onde são idos?

Natália Correia

D. FRANCISCO DE NORONHA, *que se mostrou impaciente durante este diálogo*

Desta vez Luís Vaz meteu-se num sarilho que lhe pode custar a liberdade. Os risinhos maldosos que há dias acolheram a representação de *El-Rei Seleuco* volveram-se em vespas. E estas já voam para os ouvidos reais.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Alerta, D. Manuel de Portugal! Sirvam-te, ao menos, os bons ofícios de cortesão exemplar, para pores água benta no autor dos *teus versos*. (*O sublinhado corresponde a um acento de piada*). Se não, terás de explicar às damas que chelicam com o teu talento porque é que ele se finou misteriosamente com a prisão de Luís Vaz.

D. MANUEL DE PORTUGAL

Enredos de maldizentes. Os versos que dedico a essas mariposas são meus e muito meus.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Não duvido, pois que os pagas em artigos de capoeira e Luís de Camões é lambão de galinhas.

D. Manuel de Portugal protesta com um gesto de comprometida indignação. Entra Luís de Camões. Terá, quando muito, vinte e quatro anos. É meão, entroncado, mas grácil na desenvoltura do corpo. A barba e os cabelos ruivos emolduram-lhe o rosto de traços nobres em que fulgem uns

Erros meus, má fortuna, amor ardente

*olhos rasgados, ora contemplativos,
ora febris. Dirige-se apressadamente
para a Igreja. D. Francisco de No-
ronha corta-lhe o passo. Mas André
Falcão de Resende antecipa-se, gri-
tando-lhe de longe.*

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Põe-te na alheta, Luís Vaz! Antíoco ressuscitou no
Paço da Ribeira e já por lá se diz que o teu auto lhe assenta
como uma luva.

LUÍS DE CAMÕES, *aproximando-se*

Deixa-os falar. Que leitura hão-de fazer das letras,
peralvilhos que assinam de cruz as escrituras?

D. FRANCISCO DE NORONHA

Mas se têm medo que a pena lhes embote a lança,
são despachados em aguçar a língua na intriga.

LUÍS DE CAMÕES

De que me acusam?

D. FRANCISCO DE NORONHA

De te servires do incestuoso filho de Seleuco para
arremedares os amores de D. João pela madrastra.

LUÍS DE CAMÕES

Desafio-vos a que proveis que as picadas desses
escorpiões me acertam. (*Atacando uma maieutica jocosa
em que reforça a identificação de D. João III com Antíoco*).

Natália Correia

Que fez El-Rei Seleuco quando soube que o facataz do príncipe pela madrasta era de morte?

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Deu-a ao enamorado pimpolho.

LUÍS DE CAMÕES

E D. Manuel?

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Tão ciosamente guardou a mulher dos suspiros do herdeiro, que este se desforrou depois da morte do papá, visitando frequentemente a viuvinha em Xabregas.

D. MANUEL DE PORTUGAL, *com compreensivo sarcasmo*

Visitas de mera cortesia.

Gargalhadas de Luís de Camões e de André Falcão de Resende, discretamente secundadas por um sorriso de D. Manuel de Portugal. Branda expressão de reprimenda de D. Francisco de Noronha.

LUÍS DE CAMÕES

Como vêm, só a má fé pode enxergar no meu auto uma carapuça para enfiar em El-Rei.

Erros meus, má fortuna, amor ardente

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE, *culminando a
lógica parodística*

Quem ousará vislumbrar a sombra de pecados, ainda
que remotos, por juvenis, numa alma que reza por cem?

*Esta casuística burlesca é rematada
com novas risadas de Luís de Camões
e de André Falcão de Resende. Cum-
plicidade risonha de D. Manuel de
Portugal. D. Francisco de Noronha
abana a cabeça em reprovação pater-
nal. Surge Catarina de Ataíde. Vem
acompanhada dos seus familiares.
É muito jovem e graciosa. Na cabeça
delicada, reluzem os seus cabelos
dourados. No rosto de Madona im-
púbere, impressiona o fulgor cân-
dido dos seus olhos verdes. Luís de
Camões e o grupo fazem um dis-
creto aceno de cabeça que é corres-
pondido, nervosamente, por ela e,
friamente, pelos seus acompanhantes
com quem entra na igreja.*

LUÍS DE CAMÕES

Adeus, amigos! Para mim, ver Catarina em sexta-
-feira de endoenças é já aleluia.

*Precipita-se para a Igreja. D. Fran-
cisco de Noronha persegue-o, ten-
tando retê-lo.*

Natália Correia

D. FRANCISCO DE NORONHA

Tem cuidado, Luís Vaz. Não te exponhas. Olha que te andam a cozinhar um mandado de prisão.

LUÍS DE CAMÕES, *parando, já próximo da porta do templo*

Chegam tarde. Preso já eu estou de uns olhos que me furtaram a liberdade.

Entra na igreja.

D. FRANCISCO DE NORONHA

Que doido!

Desanimado, mas perseverante, segue-o.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Mas que enguiço! E fui eu confiar na voz bem entoada de Luís de Camões para demover os ouvidos de El-Rei de se abrirem a mesureiros analfabetos e fecharem-se ao engenho dos poetas. Lá se me vai o procurador que, com os seus desatinos, mais convencerá sua Majestade de que os vates são uma peste. Resta-me aperaltar a garganta pelas louvaminhas palacianas. Conto com as tuas lições.

D. MANUEL DE PORTUGAL, *entrando no jogo humorístico*

Pois lá vão as primeiras letras. (*Medita e arranca*). Terás de ter o ar engenhado de quem acumula a tonsura com a rima.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Mas isso é mais aborrecido que a pobreza.

Erros meus, má fortuna, amor ardente

D. MANUEL DE PORTUGAL

Ser homem de vários pareceres e de antes torcer que quebrar.

ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

Desisto. Fico-me com Sá de Miranda. (*Interrompe o passeio durante o qual D. Manuel de Portugal o foi leccionando em breves paragens e recita*):

Homem de um só parecer
D'um só rosto e de uma fé,
D'antes quebrar que torcer,
Outra coisa pode ser
Mas da corte homem não é.

*Riem-se os dois e as gargalhadas
vão-se esfumando num diálogo que
continua, até que saem.*





APONTAMENTOS
SOBRE A ENCENAÇÃO

de Jacinto Ramos



Em minha opinião, "Erros meus, má fortuna, amor ardente, e' uma obra musical, uma "opera" falada onde, ^{se conta} nas ~~uma~~ história ~~que se conta~~ mas ~~sempre~~ se obriga o espectador a "sonhar" uma história, a vida lendária e real, de Luís ^{Vas}/_{de} Camões.

E, pois, uma "opera", onde a declamação substitui o canto e, sempre que a imagem e o gesto se transformam em palavra, esta terá que surgir em cadeia, melódica, violenta, rítmica.

A encenação compete tornar a obra literária em espetáculo vivo, numa "festa", aquilo a que modernamente chamamos "Teatro Total", ou seja, o

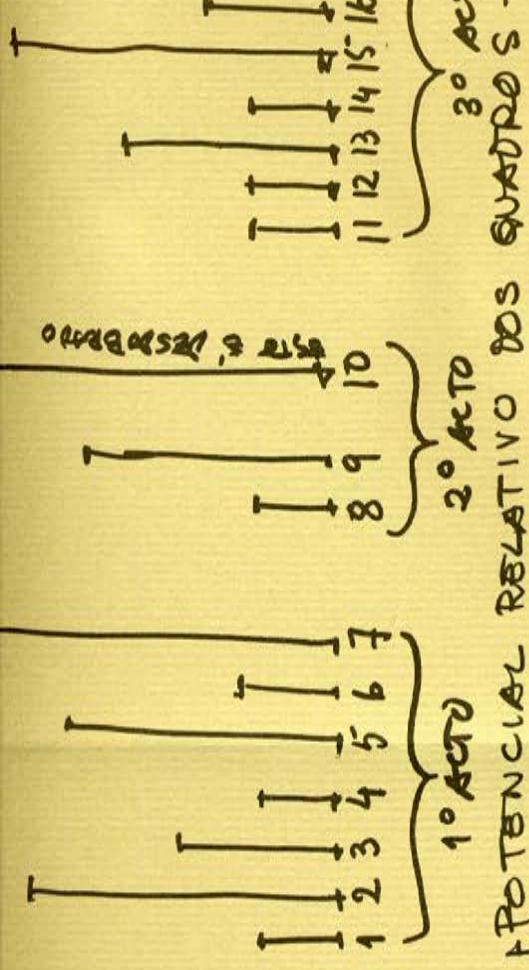
APONTAMENTOS CENICOS

CENÁRIOS • FIGURINOS • ESTRUTURA PLÁSTICA

de *Paulo Guilherme*



Todos os apontamentos que se seguem são
 ma pequena parte do trabalho profundo que
 recede este espectáculo no Teatro Nacional
 D. Maria II, cuja efectiva realização, como é do
 conhecimento público, estava prevista para 1980,
 integrada nas comemorações camonianas.



- POTENCIAL RELATIVO DOS QUADROS
- 3-4-12-14 = PONTO DE REFERÊNCIA DA PEÇA
- 1º ACTO {
- 1 - FUNDO PROTO - ROUPAS ESCURAS (POMPASO - SOLA)
 - 2 - " " " " " "
 - 3 - 4-12-14 - CLARO - ROUPAS NORMAIS (FRANCIS)
 - 5 - CASANTHAS - VERMELHAS - ROUPAS INTEGRADAS (VIOLETA)
 - 6 - URBANOS - LÍRICO - CLARO (FLAMINÍUS) (POMBAL)
 - 7 - BRILHANTE, EXCESSIVO, DECORATIVO, MOVIMENTADO, 1

- 2º ACTO {
- 8 - MISERAVEL - QUASI PÉSSIMO
 - 9 - SEDUTOR - BRANCO - BRILHANTE E COLORIDO
 - 10 - SUMPTUOSO E SENSUAL - FRÁGIL E CRISTALINO
- (11 - COLORIDO E PICTÓRICO (COPAS TROCADIS E AT 12 -

TEMA MUSICAL PRINCIPAL
(CAMÕES)

composição de *César Batalha*



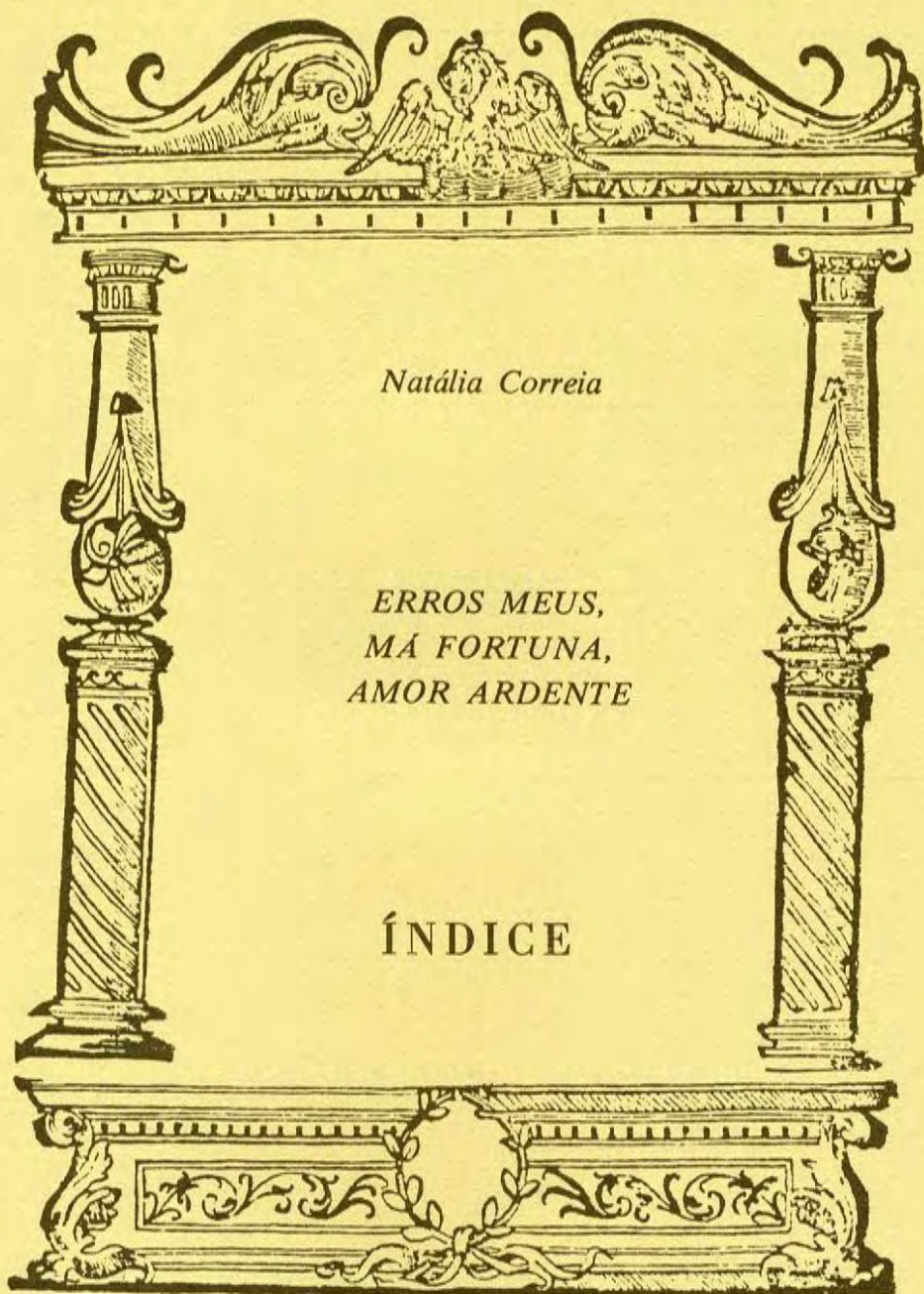
ERROS MEUS HÁ FORTUNA AMOR ARDENTE

Lucas

Handwritten musical score for the piece "ERROS MEUS HÁ FORTUNA AMOR ARDENTE" by Lucas. The score is written on 24 staves, organized into systems. The instruments listed on the left are:

- Flut. I
- Flut. II
- Claro I
- Claro II
- Claro III
- Flut. III
- Flut. IV
- Flut. V
- Flut. VI
- Flut. VII
- Flut. VIII
- Flut. IX
- Flut. X
- Flut. XI
- Flut. XII
- Flut. XIII
- Flut. XIV
- Flut. XV
- Flut. XVI
- Flut. XVII
- Flut. XVIII
- Flut. XIX
- Flut. XX

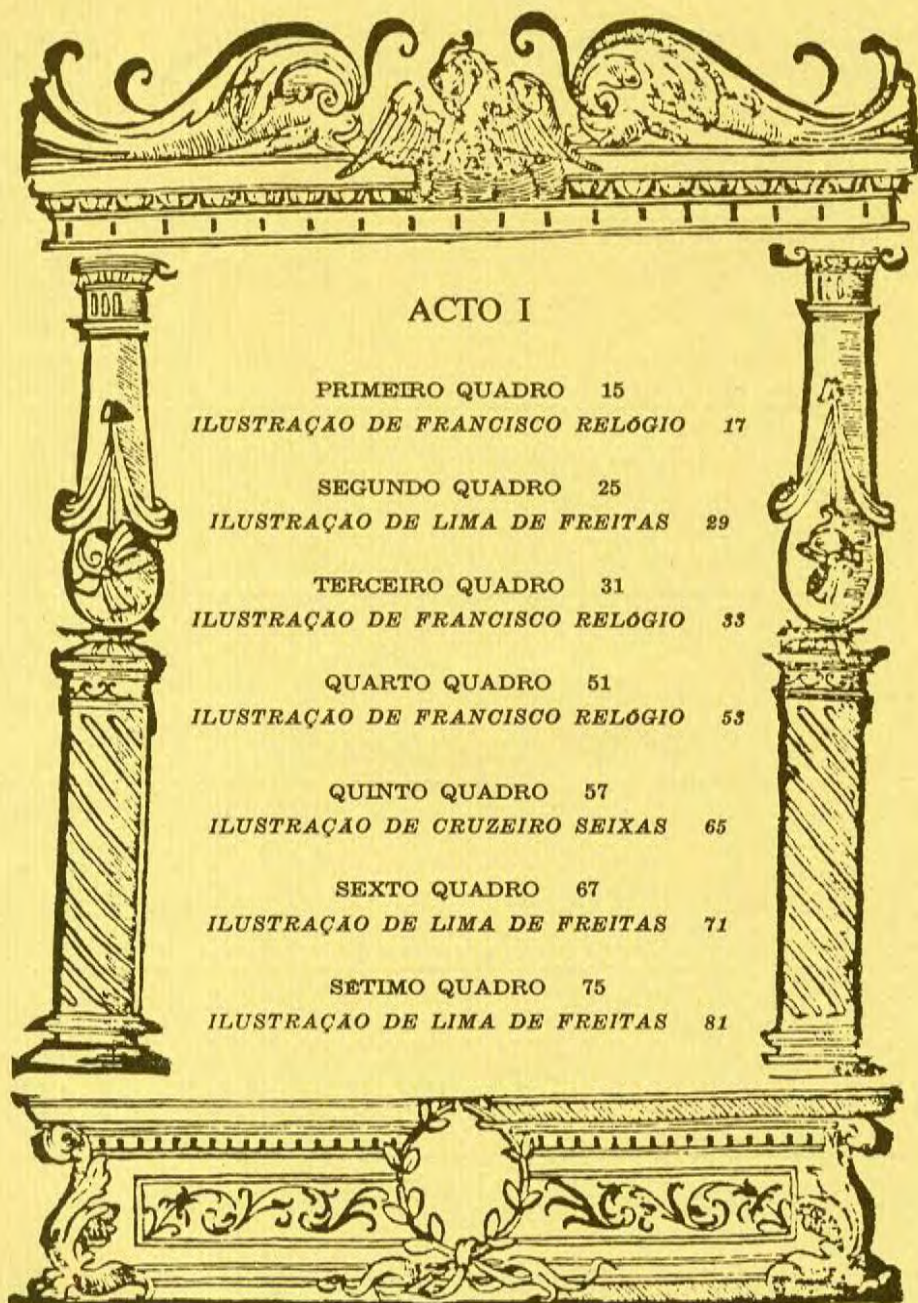
The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. A large, stylized signature "Lucas" is written across the middle of the score, overlapping several staves. The notation is in a cursive, handwritten style.



Natália Correia

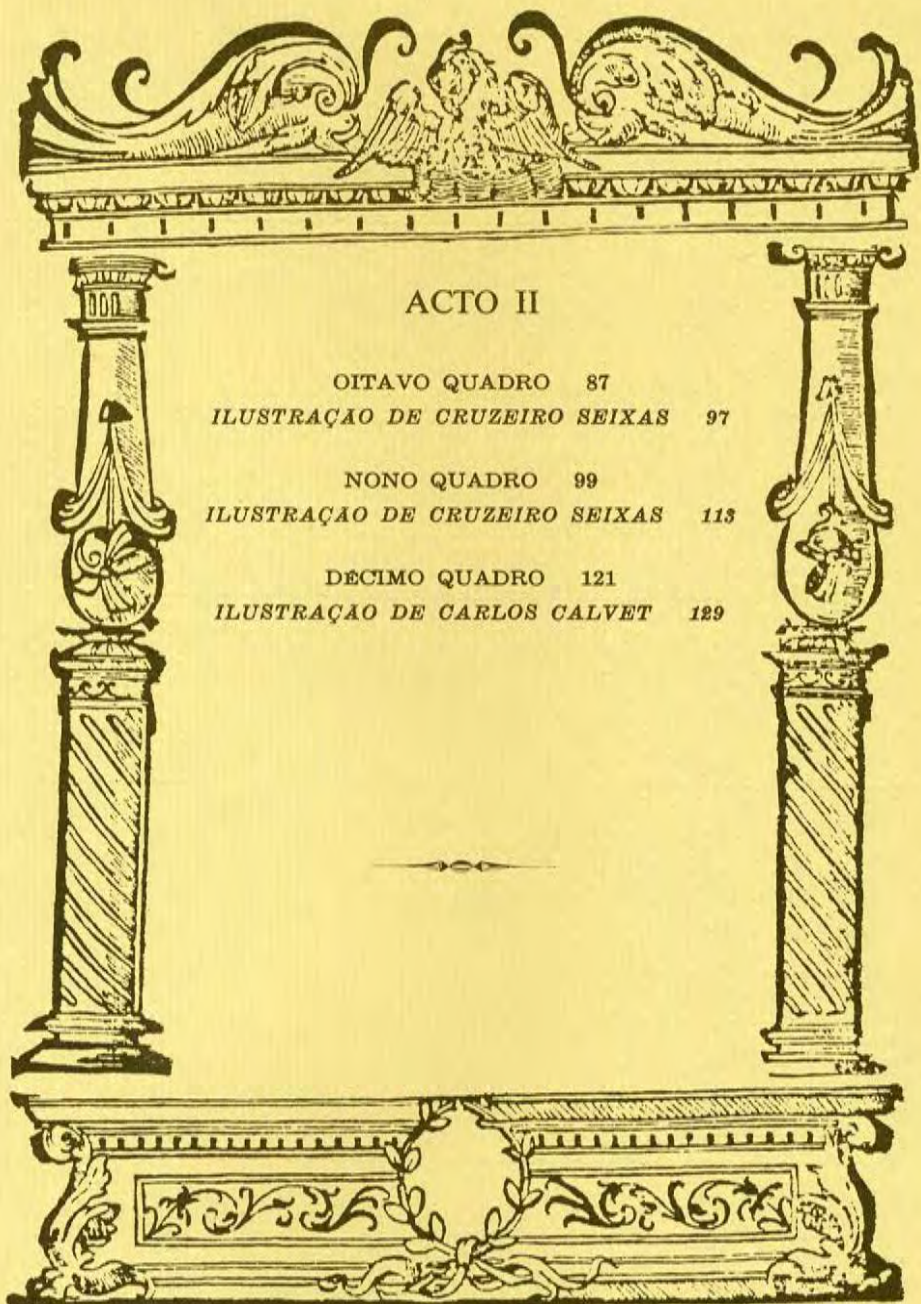
*ERROS MEUS,
MÁ FORTUNA,
AMOR ARDENTE*

ÍNDICE



ACTO I

PRIMEIRO QUADRO	15
<i>ILUSTRAÇÃO DE FRANCISCO RELÓGIO</i>	17
SEGUNDO QUADRO	25
<i>ILUSTRAÇÃO DE LIMA DE FREITAS</i>	29
TERCEIRO QUADRO	31
<i>ILUSTRAÇÃO DE FRANCISCO RELÓGIO</i>	33
QUARTO QUADRO	51
<i>ILUSTRAÇÃO DE FRANCISCO RELÓGIO</i>	53
QUINTO QUADRO	57
<i>ILUSTRAÇÃO DE CRUZEIRO SEIXAS</i>	65
SEXTO QUADRO	67
<i>ILUSTRAÇÃO DE LIMA DE FREITAS</i>	71
SETIMO QUADRO	75
<i>ILUSTRAÇÃO DE LIMA DE FREITAS</i>	81



ACTO II

OITAVO QUADRO 87

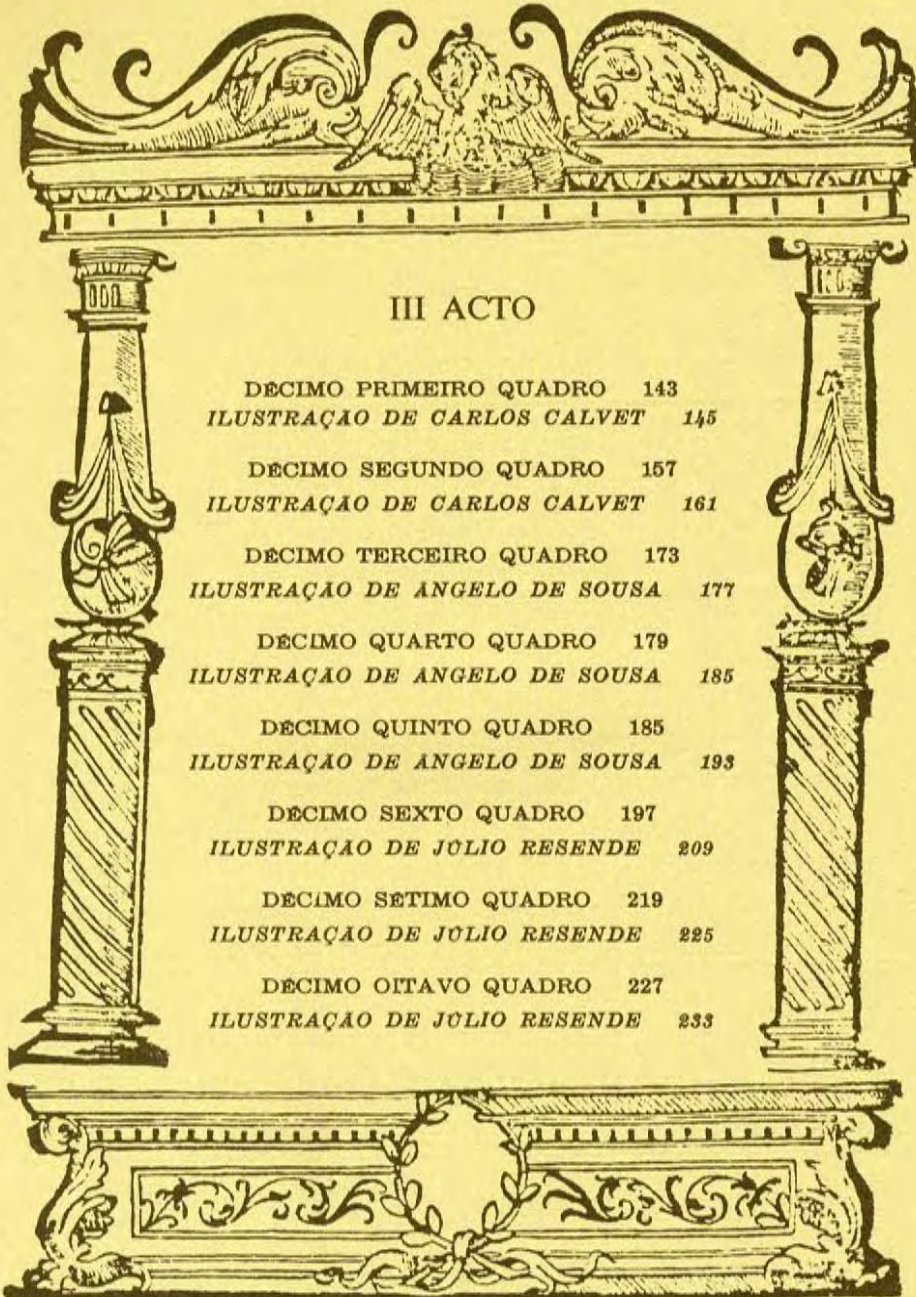
ILUSTRAÇÃO DE CRUZEIRO SEIXAS 97

NONO QUADRO 99

ILUSTRAÇÃO DE CRUZEIRO SEIXAS 113

DÉCIMO QUADRO 121

ILUSTRAÇÃO DE CARLOS CALVET 129



III ACTO

DECIMO PRIMEIRO QUADRO 143
ILUSTRAÇÃO DE CARLOS CALVET 145

DECIMO SEGUNDO QUADRO 157
ILUSTRAÇÃO DE CARLOS CALVET 161

DECIMO TERCEIRO QUADRO 173
ILUSTRAÇÃO DE ANGELO DE SOUSA 177

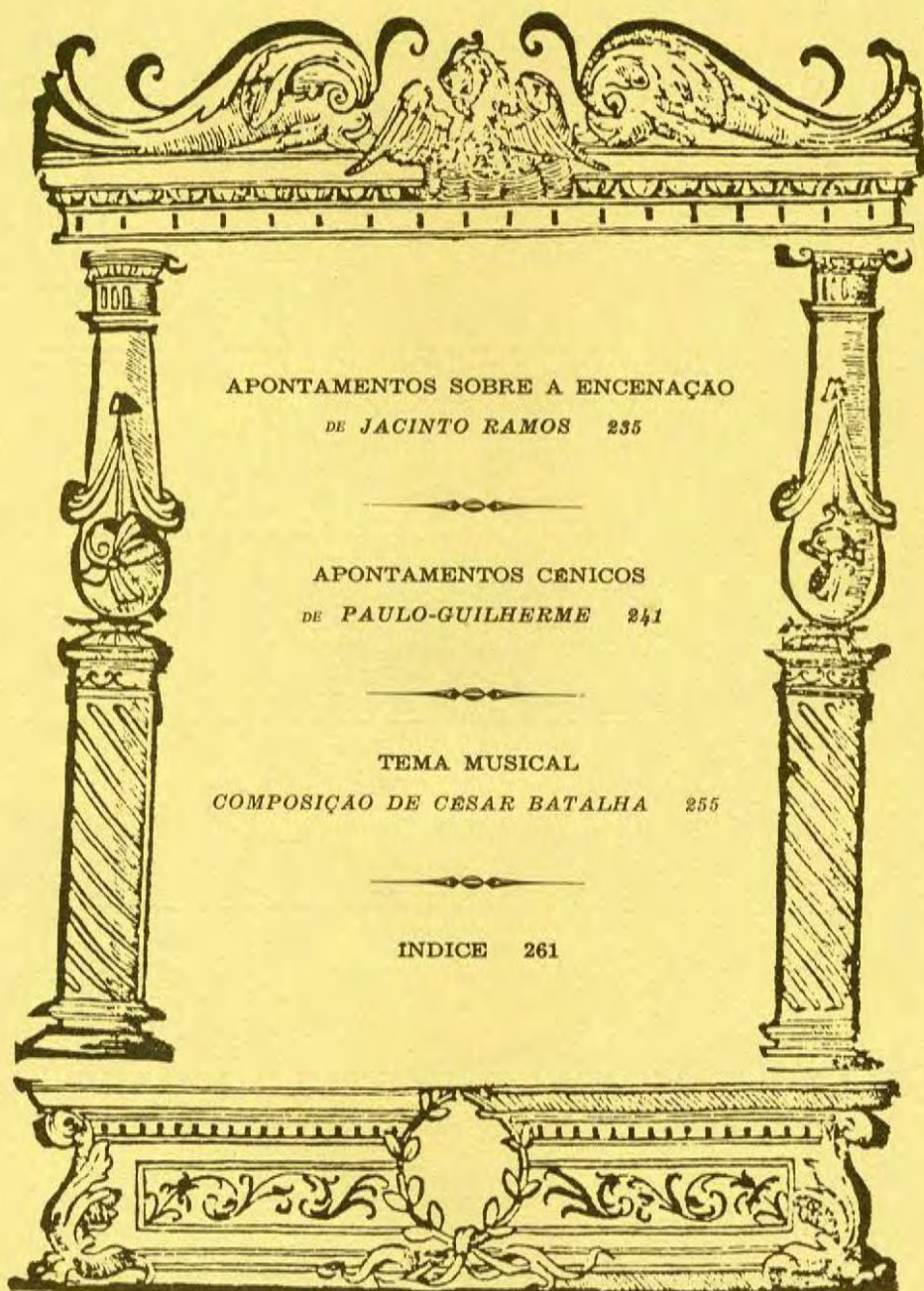
DECIMO QUARTO QUADRO 179
ILUSTRAÇÃO DE ANGELO DE SOUSA 185

DECIMO QUINTO QUADRO 185
ILUSTRAÇÃO DE ANGELO DE SOUSA 193

DECIMO SEXTO QUADRO 197
ILUSTRAÇÃO DE JULIO RESENDE 209

DECIMO SETIMO QUADRO 219
ILUSTRAÇÃO DE JULIO RESENDE 225

DECIMO OITAVO QUADRO 227
ILUSTRAÇÃO DE JULIO RESENDE 233



APONTAMENTOS SOBRE A ENCENAÇÃO

DE JACINTO RAMOS 235

APONTAMENTOS CÊNICOS

DE PAULO-GUILHERME 241

TEMA MUSICAL

COMPOSIÇÃO DE CESAR BATALHA 255

INDICE 261